

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

MAIS UMA "FLAMÍNICA" NA BACIA DO SADO.

ALMEIDA, Fernando de

Ano: 1970 | Número: 80

Como citar este documento:

ALMEIDA, Fernando de, Mais uma "flamínica" na bacia do Sado. *Revista de Guimarães*, 80 (3-4) Jul.-Dez. 1970, p. 377-380.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Mais uma «Flamínica» na Bacia do Sado

Pelo Prof. Dr. D. FERNANDO DE ALMEIDA

Há poucos meses fui, com um grupo de amigos, observar pinturas murais em Vila Nova da Baronia (Conc. do Alvito). Ao sairmos da Capela do Senhor dos Paços, vimos uma inscrição romana empotrada na parede da frontaria da casa que se segue à do pequeno templo onde vive o Sr. Manuel António Gomes Pinheiro. A pedra está um pouco abaixo da única sacada existente, e a cerca de pouco mais de três metros do solo.

A tentativa de leitura que então fizemos deixou-nos a impressão de se tratar de mais uma inscrição falsa; por isso, nem sequer tentámos obter uma fotografia. No entanto, o nosso bom amigo e companheiro da excursão, o pintor Aires de Carvalho, quis fotografá-la para depois no-la oferecer, o que mais uma vez agradecemos.

A pedra está coberta e recoberta de cal (Fg. 1); algumas das letras, principalmente as mais próximas dos bordos da pedra, só com o auxílio do tacto nos foi possível lê-las, tendo para isso que encostar uma escada à parede, amavelmente auxiliados pelo proprietário da casa.

O interesse que o letreiro nos começou a despertar ao examiná-lo de perto, foi verificarmos ser o desenho de certas letras diferente do das que conhecemos no depósito do Museu de Évora, mandados lavar por André de Resende. Estas são de tipo clássico, enquanto a inscrição de que nos ocupamos foi lavrada com letras do final do império (Fg. 2).

Por outro lado, nas inscrições de Resende há intervalos entre as palavras, quando são seguidas, separadas às vezes por um ponto «distinguens».

As barras horizontais dos EE são iguais no letreiro de Vila Nova enquanto nos do frade a barra do meio é mais curta, como era costume no seu tempo e continua a sê-lo hoje.

A 3.^a letra antes do final da penúltima linha, tem uma ansa insólita, ligando a primeira barra do E à segunda, pelo lado de trás: mas o M da palavra final da 4.^a linha, faz um gancho, para trás também, partindo do vértice do primeiro ângulo da letra. Estamos persuadidos de que Resende, com a sua preocupação do clássico, não permitiria tais variações.

O exagero, ou abuso de nexos como aqui se vê também não seria do seu agrado. Há, é certo, letras de diferente tamanho; na mesma linha, mas, medindo-as, verificámos que há só duas alturas, uma para as letras maiores (0,055 m), outra para as menores (0,03 m).

Mas acrescenta-se agora o situar-se Vila Nova da Baronia na bacia do Rio Sado, podemos dizer entre Alcácer-do-Sal (Salácia) e Évora.

Alguns quilómetros mais para Sul, em Santa Margarida do Sado abundam materiais romanos: metido em um dos cunhais da frontaria da igreja matriz, vê-se uma lápide cupiforme, com inscrição. Foi precisamente aqui que A. de Resende diz ter encontrado duas inscrições também referentes a «flaminicas», uma consagrada a Júpiter (C. I. L. II-32), outra à deusa Fortuna (H. Florez, XIV, 244).

A primeira dedicada pela própria sacerdotisa, que era de Mérida e flaminica perpétua da província da Lusitânia e da colónia emeritense e do município de Salácia (Alcácer-do-Sal); a segunda, também «perpétua» como a primeira, nela se repete Salacia. Com esta de Vila Nova não serão flaminicas perpétuas a mais para um mesmo território?

À inscrição em causa não encontrámos qualquer referência na bibliografia que consultámos; mas se já foi descrita, o interesse do assunto mantem-se, pois vale a pena ser ventilado. E antecipadamente agradecemos qualquer notícia sobre a lápide.

A pedra é calcárea. A inscrição é funerária, mas nela já não consta, por faltar a parte superior da lápide, nem o nome da defunta, nem o da divindade a quem ela estaria ligada.

Mede a parte visível da frente da lápide, 0,37 m de altura máxima, por 0,50 m de largura. As letras, como já dissemos, têm 0,055 m as maiores e 0,03 m as menores.

Leitura: [...] [a] nn(orum) L V Flam [inicae] / per-
petuae Civitatis Miri / etanorum pudicis
[i] m [a] e ac re / [1] igiosissimae temporis
sui feminae / [mat] ri et aviae piissimae
fi(lii) / [et] nepotes h. s. e. s. t. t. l.

Trata-se, por consequência, de uma sacerdotisa «perpetua» da «civitas» dos Mirietanos, a quem os filhos e os netos aqui brindaram com os superlativos «pudicissima» e «religiosissima», *no seu tempo*; acrescentando ainda «mulher, mãe e avó piíssima».

Não sabemos qual ou onde era o território dos Mirietanos; procuramo-lo como nos foi possível investigar e não conseguimos localizá-lo. Trocámos impressões com o Professor Sebastián Mariner, a quem agradecemos as suas judiciosas considerações, mas também não nos pôde esclarecer mais sobre o assunto, concordando, no entanto, com a nossa interpretação.

Seria a povoação principal da «civitas» dos Mirietanos, uma das 37 estependiárias de que fala Plínio (N. H. IV-117) ou nunca terá existido nem «povo» nem, portanto, capital, do grupo étnico?

Em resumo, pelo estudo que até fizemos, não temos provas evidentes de se tratar de mais uma inscrição falsa. A favor desta última hipótese, está o texto: mais uma flamínica em uma área onde já haviam aparecido duas, e referidas ambas por A. de Resende. O excesso de superlativos e de nexos, mas sobretudo o inferir-se pelo texto de ter sido feito pelo menos algum tempo depois do falecimento («temporis sui»), não é o habitual.

Naturalmente, pôde tudo estar certo, mas é de pôr, ao menos, uma reticência.

Por outro lado, o tipo da letra é correcto; por ele podemos datar a inscrição do final do império. Resende

usou letra mais clássica e se a tivesse inventado, mesmo com a letra que tem, a ela se teria referido. E, que saibamos, não o fez.

Concluo, portanto, haver bastantes probabilidades de estarmos mais em presença de um monumento autêntico do que de um falso.

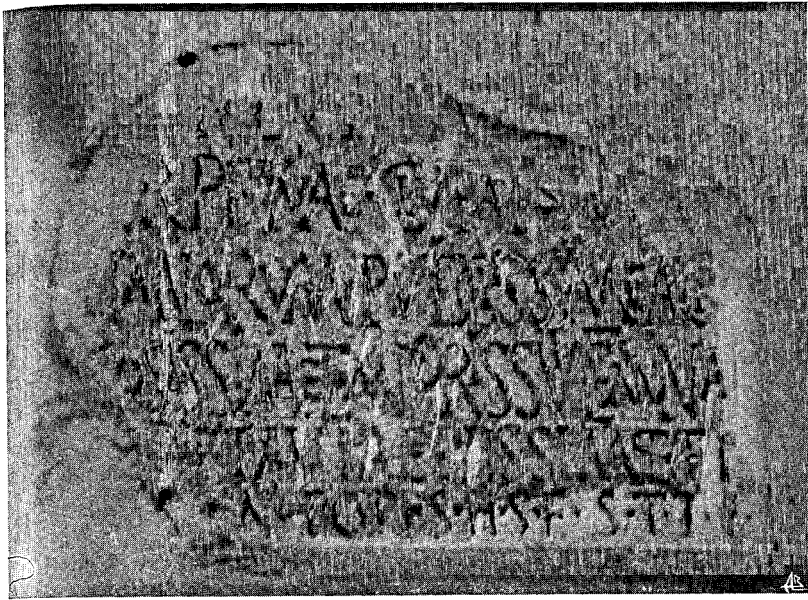


Fig. 1 — A lápide recoberta em parte com cal.

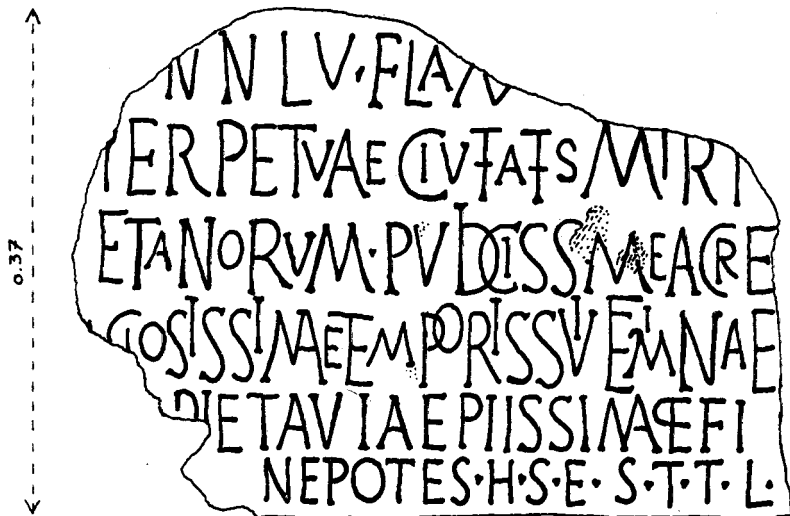


Fig. 2 — Leitura do letreiro.